



## SOBRE A SEMÂNTICA DE ‘SOZINHO’: UMA DESCRIÇÃO DE SUAS INTERPRETAÇÕES

### ON THE SEMANTICS OF 'ALONE' A DESCRIPTION OF YOUR INTERPRETATIONS

Renato Miguel Basso<sup>1</sup>  
Elisa Anju Rodrigues<sup>2</sup>

**Resumo:** O item ‘sozinho’ do português brasileiro é mais complexo do que parece à primeira vista, e apresenta diversas interpretações diferentes, entre as quais identificamos espaço-temporal, modificador argumental, anti-causal, emocional, comportamental, mereológica e autônoma. Nossa hipótese inicial é que ‘sozinho’ (e suas variações em gênero e número) é um item anti-comitativo, visto que em todas as suas interpretações há a exclusão de algum tipo de companhia, como, por exemplo, argumentos de um predicado, pessoas no espaço físico e causas de eventos. O presente trabalho também busca identificar e caracterizar todas as interpretações possíveis de ‘sozinho’, utilizando, inicialmente, como ferramenta a possibilidade de interpretação gradual, intensificação, adjuntos locativos e causativos e a combinação com outros modificadores para categorizar os diferentes tipos de ‘sozinho’. Nosso quadro teórico é a semântica e a pragmática formal e, utilizando da metodologia hipotético-dedutiva, procuraremos sempre formular conclusões falseáveis e, portanto, verificáveis, contando também com a intuição de falante nativo para a testagem das hipóteses. Como resultado esperado, teremos uma descrição detalhada de ‘sozinho’ e suas interpretações, bem como do funcionamento da anti-comitatividade no português brasileiro, o que ressalta a originalidade do presente trabalho.

**Palavras-chave:** Comitatividade; Semântica; Pragmática.

**Abstract:** Brazilian Portuguese ‘sozinho’ (“alone”) is more complex than it seems at first sight, and presents several different interpretations, among which we identify temporal-spatial, argumental modifier, anti-causal, emotional, behavioral, mereological and autonomous interpretations. Our initial hypothesis is that ‘alone’ (and its variations in gender and number) is an anti-comitative item, since in all its interpretations companies of some kind, such as, for example, arguments of a predicate, individuals in physical space and causes of events are excluded. The present work also seeks to identify and characterize all possible interpretations of ‘sozinho’, initially using as tools the possibility of gradual interpretation, intensification, locative and causative adjuncts and combination with other modifiers to separate the different types of ‘sozinho’. Our theoretical framework is formal semantics and pragmatics and, using the hypothetical-deductive methodology, we will always seek to formulate falsifiable and verifiable conclusions, also relying on native speaker intuitions to test the hypotheses. As a result, we expect

---

<sup>1</sup> Pesquisador e professor vinculado à Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. São Carlos, SP, Brasil. [mbasso@ufscar.br](mailto:mbasso@ufscar.br).

<sup>2</sup> Bolsista de Iniciação Científica vinculada à Universidade Federal de São Carlos – UFSCar. São Carlos, SP, Brasil. [lisanju.contato@gmail.com](mailto:lisanju.contato@gmail.com).

a detailed description of ‘sozinho’ and its interpretations, as well as the structure of anti-comitativity in Brazilian Portuguese, which highlights the originality of this research.

**Keywords:** Comitativity; Semantics; Pragmatics.

## INTRODUÇÃO<sup>3</sup>

O item ‘sozinho’ do português brasileiro (PB), assim como suas contrapartes em outras línguas naturais, é pouco explorado na literatura especializada, ainda mais considerando o contexto das pesquisas em semântica formal. Exceções incluem Cisneros *et al.* (2013), que analisaram o item ‘*alone*’ do inglês, Moltmann (2004), que sugere um esboço de análise para ‘*alone*’ ao lidar com o item ‘*together*’, através de uma abordagem mereológica, e Tsai (2017), que analisa o item exclusivo ‘*nanak*’ em sqliq atayal.

Nosso objeto neste artigo é fazer uma primeira descrição semântico-pragmática de ‘sozinho’ (e ‘sozinha’) e identificar as interpretações que esse item apresenta em PB. Essa é uma etapa fundamental para podermos propor uma análise teórica unificada para esse item. Sendo assim, a seção 1 apresenta as possibilidades de interpretação para ‘sozinho’ no PB, e a seção 2 traz alguns testes linguísticos que permitem isolar, através de suas propriedades gramaticais, esses usos. Por sua vez, a seção 3 apresenta um quadro resumo dessas interpretações, que servirá como um guia para uma futura análise de ‘sozinho’, esboçada na seção 4. Finalmente, a Conclusão traz tanto um resumo do caminho aqui percorrido quanto algumas das questões em aberto.

### 1. AS INTERPRETAÇÕES DE ‘SOZINHO’ NO PB

À primeira vista, a complexidade e a variedade de interpretações do item ‘sozinho’ no PB pode passar despercebida, e poderíamos considerar, por exemplo, que ‘sozinho’ indica um tipo específico de configuração espacial, segundo a qual um dado indivíduo é o único que se encontra num dado lugar, como no exemplo abaixo, em que Marcus é o único indivíduo presente no espaço indicado por ‘casa’:

(1) Marcus está sozinho em casa.

Ao observarmos a sentença (1), como comentamos acima, a interpretação é a de que Marcus é o único indivíduo na casa. Contudo, essa não é a única possibilidade que identificamos para essa interpretação de ‘sozinho’, que chamaremos de ‘sozinho’-espacial. Na verdade, em alguns casos, o ‘sozinho’ indica uma configuração espacial na qual um dado indivíduo *contextualmente relevante* é o único que se encontra num dado lugar (contextualmente delimitado). Para ilustrar esse funcionamento, observe a sentença a seguir:

(2) Bruno está sozinho na Itália. - ‘sozinho’-espacial

---

<sup>3</sup> Agradecemos a toda assessoria da Cadernos de Estudos Linguísticos da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) pelo suporte na redação do artigo, bem como na análise descritiva dos dados. Em específico, agradecemos ao editor Aquiles Tescari Neto e aos três pareceristas anônimos pela atenção ao lidar com nosso artigo. O presente trabalho é financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP), processo 23/01243-6.

A sentença (2) ainda pode ser classificada como uma interpretação espacial do item ‘sozinho’, porém, diferentemente da interpretação em (1), em que Marcus é o único indivíduo presente na casa, em (2) interpretamos que Bruno, apesar de estar sozinho, não é de fato o único indivíduo na Itália. Isto é, Bruno pode estar cercado por várias outras pessoas na Itália, como turistas e moradores do lugar, mas nenhuma dessas pessoas é contextualmente relevante para Bruno, e por isso aceitamos (2) mesmo que Bruno esteja em Roma no auge da estação de turismo, por exemplo. O que acontece, então, é que interpretamos a sentença (2) como se Bruno estivesse sem a companhia, por exemplo, de familiares, ou amigos; em resumo, podemos dizer que, em (2), não há indivíduos contextualmente relevantes para Bruno no mesmo espaço (e tempo) em que ele está.

Essa interpretação será mais detalhada a seguir, contudo, desde já, é importante notar que a interpretação espacial é apenas uma das possibilidades que encontramos para ‘sozinho’, como os exemplos a seguir evidenciam:

- (2) Bruno está sozinho na Itália. - ‘sozinho’-espacial
- (3) Maria comeu o pão sozinha. - ‘sozinho’-modificador argumental
- (4) O videogame ligou sozinho. - ‘sozinho’-(anti-)causal
- (5) Luís está se sentindo sozinho. - ‘sozinho’-emocional
- (6) Meu vizinho é sozinho. - ‘sozinho’-comportamental
- (7) Achei a/uma meia sozinha na cômoda. - ‘sozinho’-mereológico<sup>4</sup>
- (8) A boneca para em pé sozinha - ‘sozinho’-autônomo

A seguir, exploraremos algumas das peculiaridades de cada uma dessas 7 interpretações, procurando ao final agrupá-las em categorias mais abrangentes.

### **1.1 Uma breve descrição das interpretações de ‘sozinho’**

Cada uma das interpretações identificadas para ‘sozinho’ merece uma investigação detalhada, porém, dado que o objetivo deste artigo é apresentá-la e identificá-las, o que faremos aqui é uma breve descrição de cada uma delas segundo suas propriedades linguísticas.

#### ***‘sozinho’-espacial***

Como se pode observar, intuitivamente, a interpretação da sentença (1) é a de que não há nenhum outro indivíduo além de Marcus em sua casa. Isto é, apenas Marcus ocupa o espaço denotado por ‘casa’, pois a expressão de toda e qualquer outra companhia que ocupe o mesmo espaço é excluída pela presença do item ‘sozinho’ na sentença. Contudo, em casos como (2), percebemos que a interpretação espaço-temporal não é tão simples quanto parece, pois envolve alguns tipos de delimitação pragmática - uma delimitação do

---

<sup>4</sup> Como sugeriu um parecerista anônimo, a quem agradecemos, (7) pode ser lida como a falante achando a meia sozinha, ou seja, sem ajuda de ninguém, algo como o que discutiremos para a interpretação em (8). Seja como for, o ponto aqui, a ser elaborado na sequência, é que apenas um dos pés da meia foi encontrado.

espaço (afinal, a Itália é um lugar muito grande e (2) deve se referir a um porção específica desse espaço) e uma delimitação do que conta como indivíduo relevante para Bruno (não é plausível pensar que não haja mais nenhum indivíduo em absoluto na Itália, mas sim que ninguém que lá está é relevante o suficiente para Bruno)<sup>5</sup>:

(1) Marcus está sozinho em casa.

(2) Bruno está sozinho na Itália.

Assim, podemos ver que há diferenças entre as interpretações de (1) e (2) - em (1) não há literalmente nenhum indivíduo presente no espaço delimitado, e em (2) não há nenhum indivíduo *relevante* no espaço delimitado. Certamente, as questões pragmáticas que mencionamos acima estão correlacionadas, ou seja, a depender da delimitação do espaço, precisamos considerar ou indivíduos relevantes ou nenhum outro indivíduo<sup>6</sup>. Para espaços considerados pequenos, como aqueles veiculados por ‘casa’ ou ‘banheiro’, percebemos que a interpretação é que o sujeito é o único no espaço indicado, porém, para espaços considerados grandes, como em ‘Itália’ ou ‘São Paulo’, a interpretação ativada é a de que não há indivíduos relevantes para o sujeito nesse espaço:

(9) Ana está sozinha no banheiro/em casa.

(10) João está sozinho em São Paulo/na Itália.

A maneira mais geral de capturar a interpretação espaço-temporal de ‘sozinho’ é dizer que sua presença indica que não há nenhum indivíduo relevante presente simultaneamente ao indivíduo referido no espaço delimitado. Isso engloba tanto casos em que não há nenhum indivíduo em absoluto quanto casos em que há indivíduos mas eles não são relevantes.

### ***‘sozinho’-modificador argumental***

Retomando a sentença em (3), temos a interpretação argumental de ‘sozinho’. Nesse caso, a interpretação relevante tem a ver com o item ‘sozinho’ vincular-se ao argumento de um predicado não-espacial, podendo atuar sobre o argumento externo ou o argumento interno do predicado de uma dada sentença.

(3a) Maria comeu o pão sozinha.

(3b) Maria comeu o pão sozinho.

Em (3a), a interpretação é que Maria e nenhum outro indivíduo é agente realizador da ação de comer o pão, o que acontece porque nessa sentença o item ‘sozinha’ se vincula

---

<sup>5</sup> Vale ainda notar que as interpretações espaciais são também temporais, dado que um indivíduo pode estar sozinho num espaço x no tempo t1, mas pode não estar sozinho no mesmo espaço x num tempo t2, ou seja, a rigor é uma interpretação espaço-temporal. Simplificaremos nossa discussão usando apenas uma delimitação espacial, considerando que ela também se dá num tempo específico. Agradecemos a um parecerista anônimo por chamar a atenção para esse fato.

<sup>6</sup> Como sugere um parecerista anônimo, a quem agradecemos, essa delimitação pragmática pode ser o resultado de um enriquecimento semântico-pragmático nos moldes de Carlson e Sussman (2005), Recanati (2010), entre vários outros.

ao argumento externo do predicado, que é ‘Maria’. Por outro lado, com (3b) interpretamos que o pão e nenhum outro alimento é tema<sup>7</sup> de ‘comer’. Note que utilizamos para as sentenças (3a) e (3b) propositalmente um nome no gênero feminino para ocupar a posição de agente e um nome de gênero gramatical masculino para a posição de argumento; assim, através da concordância de gênero de ‘sozinho’ delimitamos seu escopo: no caso de (3a), o item ‘sozinho’ possui a flexão de gênero feminina, e atua sobre o agente da sentença, que é ‘Maria’; e em (3b), o item ‘sozinho’ possui a flexão de gênero masculina, e atua sobre o tema da sentença, que é ‘pão’.

É importante notar que essa interpretação é a mesma seja para o argumento externo ou interno, ou seja, há apenas um indivíduo que ocupa essa posição, e que essa interpretação não se confunde com a interpretação espaço-temporal. Maria pode estar acompanhada de várias pessoas e mesmo assim comer o pão sozinha, pois ela é o único agente de ‘comer’. O exemplo abaixo ilustra essa possibilidade:

(3c) Maria não estava sozinha na sala, mas ela comeu o pão sozinha. (i.e., foi a única pessoa que comeu o pão, só a Maria comeu o pão).

O mesmo vale, *mutatis mutandis*, para quando o escopo de ‘sozinho’ é o argumento interno.

#### **‘sozinho’- (anti-)causal**

A interpretação (anti-)causal de ‘sozi<sup>8</sup>nho’ veicula situações na qual uma causa aparente ou identificável para um dado evento é barrada. Um exemplo é o vemos em (4): com a presença de ‘sozinho’, não é possível identificar uma causa (i.e., um outro evento que seja o causador) para o videogame ter ligado, ele ligou “do nada”:

(4) O videogame ligou sozinho.

É justamente por não ser possível identificar uma causa para o evento ter ocorrido que Basso & Palmieri (2021) identificaram que essa interpretação de ‘sozinho’ não ocorre, por exemplo, com estruturas analíticas causativas:

(12) # Eu fiz Felipe ligar o videogame sozinho.

Perceba que a sentença (12) pode possuir as interpretações espacial e argumental de ‘sozinho’, por exemplo, mas devido à presença de uma estrutura de causa na sentença, ela não pode ativar a interpretação (anti-)causal. Pelo mesmo motivo de não ser possível encontrar uma causa aparente ou identificável, o ‘sozinho’-(anti-)causal também não funciona com continuações contendo uma possível explicação para o evento descrito:

(13) # Felipe caiu sozinho porque Ana empurrou ele.

---

<sup>7</sup> Como sugere um parecerista anônimo, a quem agradecemos, o preciso seria usar aqui “paciente” e não “tema”; optamos por usar “tema” como um termo mais abrangente, que captura tanto tema quanto paciente.

<sup>8</sup> Há uma vasta literatura sobre estruturas anti-causativas (cf Alexiadou; Anagnostopoulou; Schäfer, 2006; Schäfer, 2008; Lundquist *et al.*, 2016, entre vários outros). Agradecemos um parecerista anônimos por nos chamar a atenção para este ponto.

Mais uma vez, como mencionamos, essa interpretação não se confunde com as demais, e, com exceção de Basso e Palmieri (2021), ela não foi mencionada ou identificada na literatura, assim como as demais que veremos na sequência.

### ***‘sozinho’-emocional***

Em princípio, poderíamos até pensar que a sentença abaixo exemplifica a interpretação espaço-temporal:

(5) Luís está se sentindo sozinho.

Mas esse não é o caso: Luís pode se sentir sozinho cercado de pessoas relevantes para ele num mesmo espaço e tempo em que ele se encontra. Essa interpretação também não se confunde com a argumental porque Luís, num dado contexto, não precisa ser o único indivíduo a se sentir sozinho. Finalmente, também não se trata de uma interpretação (anti-)causal porque podemos ter estruturas como:

(5a) A Maria fez o Luís se sentir sozinho.

Mesmo que possa ser argumentado que a estrutura relevante aqui não é apenas ‘sozinho’, mas toda a construção “sentir-se sozinho”, é importante notar mais uma possibilidade de interpretação na qual esse item participa e que não se confunde com as demais interpretações.

### ***‘sozinho’-comportamental***

A interpretação que chamamos de “comportamental”, exemplificada abaixo, guarda algumas semelhanças com a interpretação emocional com relação à descrição de seu conteúdo; algo como a pessoa não ter companhia, por exemplo:

(6) Meu vizinho é sozinho.

Porém, elas diferem em alguns aspectos relevantes também. Por exemplo, temos em (6) um “individual level predicate”, e em (5), um “stage level predicate”<sup>9</sup>. Por isso, para a interpretação de (6), tem-se a ideia de que o vizinho é um indivíduo que possui como parte de seu caráter realizar comumente atividades sem a companhia de alguém. Para ilustrarmos mais como as interpretações emocional e comportamental diferem, podemos utilizar o exemplo a seguir:

(14) Ser sozinho é bom, mas se sentir sozinho não.

---

<sup>9</sup> “Individual level predicate” se refere à predicados que descrevem estados permanentes de indivíduos, como é o caso dos predicados ‘alto’ e ‘paulista’, que são características permanentes ao serem atribuídas a alguém. Em ‘(a) João é alto/paulista’, é esperado que João possua intrinsecamente e de modo não transitório as características descritas pelos predicados. Já “stage level predicate” se refere à predicados cuja descrição é válida para um indivíduo apenas em um período de tempo, como é o caso dos predicados ‘doente’ e ‘chateado’. Repare que ‘(b) João está doente/chateado’ pode deixar de ser verdadeiro em um dado período, ou seja, João pode deixar de estar doente/chateado em algum momento. Nota-se que no PB “individual level predicates” são, em geral, marcados pelo verbo ‘ser’, enquanto “stage level predicates” são marcados pelo verbo ‘estar’.

O exemplo (14) mostra como é possível articular simultaneamente o ‘sozinho’-emocional e o comportamental sem gerar uma interpretação contraditória. No caso, o item ‘sozinho’, quando em um sintagma acompanhado pelo verbo ‘ser’, ativa a interpretação comportamental, que indica a característica de um indivíduo possuir comportamentos solitários. Por outro lado, quando ‘sozinho’ se conecta com o verbo ‘sentir’, formando a expressão “sentir-se sozinho”, a interpretação ativada é a emocional. Desse modo, a sentença (14) mostra a diferença de valor entre ser comportamentalmente solitário e estar emocionalmente abalado por se sentir sozinho.

Tomemos agora os exemplos abaixo:

(15a) João é sozinho.

(15b) João tá sozinho.

Ao compararmos as sentenças (15a) e (15b), reparamos que a sentença (15a) não ativa uma interpretação espacial de ‘sozinho’, limitando-se a uma interpretação sobre o comportamento solitário de João. Por outro lado, a sentença (15b), além de permitir uma interpretação espacial sobre João estar sem companhia num dado espaço, também permite a interpretação de que João está recentemente solteiro, ou seja, está sem uma companhia romântica. Acreditamos que a diferença de interpretação ativada, por exemplo, por essas duas sentenças revele pistas importantes sobre o comportamento linguístico de ‘sozinho’, como o fato do item ‘sozinho’, quando combinado com o verbo ‘ser’, não permitir uma interpretação espacial.

### ***‘sozinho’-mereológico***

O nome escolhido para essa interpretação se deve à Mereologia, estudo filosófico sobre a relação entre as partes que constituem um todo, entre outros temas próximos<sup>10</sup>. Entendemos que as línguas fazem referência a certas entidades no mundo que são compostas, por exemplo, por pares, como é o caso de lentes de contato, brincos e meias<sup>11</sup>. A interpretação mereológica de ‘sozinho’ ocorre em situações em que um par esperado não está completo:

(7) Achei a/uma meia sozinha na cômoda.

Para a interpretação mereológica temos em (7) que o par de meias não foi encontrado, mas sim apenas uma das meias que compõem o par. Repare que, mesmo que a meia encontrada estivesse junto de outras peças de roupa na cômoda, o ‘sozinho’ funciona na sentença pois a meia não está com seu par. A interpretação mereológica pode não ser a mais fácil de se alcançar, porém, quando olhamos para o exemplo (16) abaixo e o evento retratado pela sentença, ela se torna mais clara:

(16) Ana tá sozinha hoje. (Era esperado que João estivesse junto de Ana)

---

<sup>10</sup> Sobre mereologia, cf. Varzi, 2019; sobre alguns de seus usos em linguística, cf. Champollion e Krifka, 2016.

<sup>11</sup> Essa interpretação pode, em princípio, ser também encontrada para nomes que denotam entidades que fazem parte de grupos. Imagine um caso em que há várias bolinhas de gude que fazem parte de um jogo, e elas estão perdidas pela casa. Nesse cenário, ao encontrar uma das bolinhas, alguém pode dizer: “Encontrei uma bolinha sozinha, não sei onde estão as outras”. Não exploraremos a fundo essas possibilidades, pois elas são, a nosso ver, uma variação da interpretação mereológica.

Considerando que João é professor de uma dada disciplina e Ana é monitora da mesma disciplina, podemos dizer que João e Ana compõem um par de professor e monitora. Caso João não apareça na sala de aula para ministrar a disciplina e apenas Ana entre pela porta da sala, um dos alunos poderia proferir a sentença (16). A ideia é que João e Ana compõem um par e também é esperado pelos alunos que eles apareçam juntos na sala de aula, porém, quando Ana aparece sem João, independentemente dos alunos pensarem que Ana irá ministrar a disciplina ou avisará sobre o cancelamento da aula, Ana está sozinha, visto que não está junto de seu par. Para o caso ilustrado em (16), entendemos que há uma delimitação pragmática, como o fato do par João e Ana normalmente aparecerem juntos na sala de aula ser uma informação que faz parte do *common ground* dos alunos, o que é necessário para que a interpretação mereológica em (16) seja ativada.

Para outro caso que também exemplifica a interpretação mereológica de ‘sozinho’, observe a sentença (17).

(17) Eu encontrei um brinco sozinho no chão, não sei onde está o outro.

Era esperado que o par de brincos fosse encontrado, e não apenas um dos brincos. Isso porque faz parte do nosso *common ground* que o brinco é um objeto que compõe um par, no caso, um par de brincos. Portanto, na sentença (17) o falante utilizou o item ‘sozinho’ para expressar que o par de brincos não foi encontrado, e essa é, portanto, a interpretação do ‘sozinho’-mereológico. Ainda sobre a delimitação pragmática dessa interpretação, reparamos que a continuação “não sei onde está o outro” na sentença reforça a ideia de que a sentença ativa uma interpretação mereológica, visto que é evidenciado que o falante reconhece que o brinco compõe um par, e que apenas um dos membros do par foi encontrado.

### **‘sozinho’-autônomo**

A interpretação autônoma de ‘sozinho’ ocorre em situações em que o(s) participante(s) de um dado evento conseguem realizá-lo por conta própria, mesmo que exista uma causa para esse evento ter começado ou uma ajuda externa inicial para a realização dele, por exemplo:

(8) A boneca para em pé sozinha.

Em (8), temos a interpretação de que a boneca, que é um objeto inanimado, consegue manter-se em pé por conta própria. O ‘sozinho’-autônomo pode, numa primeira vista, parecer ativar uma mesma interpretação que o ‘sozinho’-(anti-)causal, mas esse não é o caso. Isso porque, como vimos anteriormente, a interpretação (anti-)causal não funciona com estruturas causativas e/ou possíveis continuações explicando a causa do evento descrito, mas o ‘sozinho’-autônomo funciona, como é possível observar nos exemplos a seguir:

(8a) A boneca para em pé sozinha porque posicionei ela.

(8b) Eu fiz a boneca parar em pé sozinha.

(18a) # A TV desligou sozinha porque tirei ela da tomada.



(18b) # Eu fiz a TV desligar sozinha.

Reparamos também que a intuição por trás da interpretação autônoma de ‘sozinho’ está em um indivíduo ou objeto supostamente incapaz de realizar um dado evento conseguir realizá-lo por conta própria, por exemplo:

(19) O bebê anda sozinho.

Em (19), interpreta-se que o bebê, que o falante não esperava que conseguisse andar sem alguma ajuda, realiza o evento de forma autônoma. Ainda assim, como comentado acima, mesmo que fosse indicado uma ajuda inicial para que o bebê andasse, é crédito do bebê conseguir realizar essa ação, como se pode ver em (20):

(20) O bebê anda sozinho quando dou um empurrãozinho nas costas dele.

Antes de passarmos para a próxima seção, é interessante tecer comentários sobre as relações entre ‘só’ e ‘sozinho’. Autores como Coppock & Beaver (2014) e Beaver & Clark (2008) consideram que os itens em inglês, *only* e *alone*, respectivamente, fazem parte do domínio dos “exclusivos”, itens com um comportamento semântico-pragmático complexo, que já receberam diversas análises diferentes na literatura (cf., Horn, 1969; Bonomi; Casalegno, 1993; Krifka, 1993; Roberts, 1998, 2010, entre vários outros)<sup>12</sup>.

Não cabe aqui discutirmos qual é a melhor abordagem para exclusivos, mas cabe notar as semelhanças e diferenças entre ‘só’ e ‘sozinho’ para argumentar que os dois itens são distintos em português.

Podemos, antes de mais nada, notar que a interpretação argumental é uma das possibilidades de ‘sozinho’ que encontrar equivalentes em ‘só’, ‘apenas’ ou ‘somente’, como evidenciado por (3d) e (3e):

(3d) Só/apenas/somente a Maria comeu o pão.

(3e) A Maria comeu só/apenas/somente o pão.

Contudo, é importante que (3e) tem interpretações de (3b), repetida abaixo:

(3b) Maria comeu o pão sozinho.

Com (3e) temos que o único alimento que Maria comeu foi o pão, ao passo que com (3b) temos que Maria não comeu o pão junto com alguma outra coisa, mas ela pode de fato ter comido outros alimentos para além do pão.

‘só’ também apresenta interpretações espacial, emocional e comportamental, como é possível ver nos exemplos a seguir, ainda que nem sempre seja as leituras mais acessíveis<sup>13</sup>:

---

<sup>12</sup> Muito simplificada, segundo a proposta de Beaver & Clark (2008, p. 214), exclusivos são termos e expressões que carregam um componente positivo e um negativo de significado:

(1) Só a Maria fuma.

→ positivo: Maria fuma.

→ negativo: Ninguém além da Maria fuma.

<sup>13</sup> A interpretação espacial de ‘só’ em (11a) nos parece particularmente forçada, e não é alcançada por ‘apenas’ ou ‘somente’.

(21a) Pedro tá só em casa. - interpretação espacial

(21b) Pedro está se sentindo só. - interpretação emocional

(21c) Como Pedro é só. - interpretação comportamental

Diante desses elementos, argumentamos que as interpretações compartilhadas por ‘sozinho’ e ‘só’ não justificam uma abordagem em comum para esses dois itens. Entre outras razões para fazer essa distinção, podemos citar que ‘só’ não apresenta diversas das interpretações e possibilidades de escopo que ‘sozinho’ apresenta; ‘e também só’ tem interpretações escalares e um comportamento frente à negação que não encontramos em ‘sozinho’. Sendo assim, na sequência, procedemos uma análise mais pormenorizada de ‘sozinho’.

## 2. COMPORTAMENTO LINGUÍSTICO DE ‘SOZINHO’ E CATEGORIAS DE ANÁLISE

Nesta seção, apresentaremos alguns critérios semântico-estruturais que permitem uma classificação mais detalhada de ‘sozinho’. Esses critérios têm a ver com uso espacial, gradualidade e causatividade, como veremos no que segue.

Considerando espacialidade como a possibilidade de um item se vincular a um adjunto locativo, percebemos que a única interpretação de ‘sozinho’ que parece não permitir espacialidade é o ‘sozinho’-comportamental, como ilustrado na sentença (22) abaixo:

(22) # Pedro é sozinho na escola<sup>14</sup>

O sintagma ‘na escola’, ao ser incluído na sentença, parece não permitir a interpretação comportamental de ‘sozinho’. Uma vez que nessa interpretação o ‘sozinho’ se trata de um “individual level predicate”, delimitar um espaço ou momento em que Pedro possui um traço comportamental descrito por ‘sozinho’ entra em conflito com essa característica. A ideia é que possuir comportamentos solitários é uma característica intrínseca de Pedro, que não é apenas verdadeira quando Pedro está na escola ou em outro espaço num dado momento. Repare que a sentença (22) permite outras interpretações de ‘sozinho’, como Pedro não possuir amigos ou alguém para conversar na escola. No entanto, para esse tipo de construção, a interpretação de que Pedro realiza atividades sem a ajuda ou companhia de outros indivíduos não está disponível.

---

<sup>14</sup> Como nota um parecerista anônimo, a quem agradecemos, talvez haja mais complexidade a ser explorada aqui, considerando sentenças como as seguintes, por ele sugeridas: (a) Pedro é sozinho na escola, mas não em casa.; (b) Pedro é sozinho na escola, mas não quando joga online.; (c) Pedro é sozinho na escola, mas não no grupo de cosplayers.; (d) Pedro é sozinho na escola, mas não na escolinha de futebol. De fato, uma sentença como (22) melhora sensivelmente quando há um contraste entre duas localidades ou situações, e, como também sugere o parecerista, isso pode ter a ver com delimitar características comportamentais a situações e talvez não a lugares. Deixaremos a exploração de tal sugestão para trabalhos futuros, mantendo aqui a restrição espacial, com a possibilidade de delimitações situacionais (que podem estar ligadas a espaços).

Com relação à gradualidade (ou escalaridade)<sup>15</sup>, notamos que as interpretações emocional (23) e comportamental (24) de ‘sozinho’ podem ser avaliadas em termos de graus de uma escala:

(23) Maria tá muito sozinha.

(24) João é muito sozinho.

A ideia desse teste é identificar ou não a existência de escalas, como uma escala para a emoção de se sentir sozinho, em (23), e uma para o comportamento solitário, em (24). Notamos ainda que, além das interpretações emocional e comportamental, a interpretação espacial de ‘sozinho’ também funciona com intensificadores:

(2a) Bruno está muito sozinho na Itália.

(2b) Bruno está totalmente/completamente sozinho em casa.

Na interpretação espacial das sentenças (2a) e (2b), intensificadores como ‘muito’, ‘totalmente’ e ‘completamente’, parecem recair sobre a delimitação pragmática do que é considerado um *indivíduo relevante*. No caso, os intensificadores medem em graus de uma escala a quantidade de *indivíduos relevantes* presentes no espaço descrito pelas sentenças. Em (2a), Bruno está muito sozinho porque na Itália há pouquíssimos indivíduos que podem ser considerados relevantes para ocupar o mesmo espaço que Bruno. Já em (2b), Bruno está totalmente/completamente sozinho porque no espaço ‘casa’ não há nenhum *indivíduo relevante* para Bruno. Reconhecemos que entender o comportamento desses intensificadores em sentenças com ‘sozinho’ permite, além de definir melhor a delimitação pragmática do ‘sozinho’-espacial, entender o comportamento do item ‘sozinho’ como um todo. Sobre as outras interpretações de ‘sozinho’, como dito anteriormente, nenhuma delas parece funcionar com intensificadores:

(3c) # Maria comeu o pão muito sozinho.

(4a) # O videogame ligou muito sozinho.<sup>16</sup>

(7a) # Achei a/uma meia muito sozinha na cômoda.

(8c) # A boneca para em pé muito sozinha.

Repare que, apesar das sentenças acima poderem resultar numa interpretação gradual, nenhuma delas corresponde às suas interpretações originais de onde os exemplos foram retirados.

---

<sup>15</sup> Tomamos escalaridade ou gradualidade como a propriedade que certos itens ou estruturas linguísticas possuem de projeto uma escala graduada para propriedades com a qual indivíduos estão relacionados por possuírem um grau nessa escala. Cf. Kennedy; McNally (2005); Rett (2008), entre vários outros.

<sup>16</sup> A única interpretação (anti-)causal possível ativada pela sentença (4a) é a de que o ‘muito’ possui escopo sobre o evento todo, “ligar sozinho”, resultando na interpretação de que o videogame ligou muitas vezes sozinho, ou seja, numa pluralidade de eventos, mas note que, nesse caso, o escopo do ‘muito’ não recaí sobre ‘sozinho’.

Outra observação sobre gradualidade tem a ver com o comportamento linguístico de ‘sozinho’ com estruturas comparativas:

(25a) João é mais sozinho que Maria.

(25b) João tá mais sozinho que Maria.

A interpretação da sentença (25a) é a comportamental, em que João socializa com outras pessoas menos que Maria. Em (25b), temos a interpretação emocional de ‘sozinho’, em que João está emocionalmente mais abalado que Maria por sentir que possui pouca companhia. Em ambas as sentenças, a partir de uma estrutura comparativa, é medido numa escala em graus de ser/estar sozinho o quanto João é/está mais ou menos sozinho que Maria. Nessa comparação, Maria é tomada como ponto de referência na escala para medir o quão sozinho João é/está. Notamos que a interpretação espacial de ‘sozinho’ também funciona em estruturas comparativas:

(25c) João tá mais sozinho que Maria na França.

Com relação à causalidade, como notamos, o comportamento de ‘sozinho’ com estruturas causativas só não é possível quando se trata do ‘sozinho’-(anti-)causal. Utilizando a estrutura ‘Eu fiz’ ou ‘Eu deixei’ como exemplo, reconhecemos que todas as outras interpretações de ‘sozinho’ identificadas funcionam com estruturas causativas:

(26) Eu fiz Maria estar sozinha em casa. – ‘sozinho’-espacial

(27a) Eu fiz Maria comer o pão sozinha. – ‘sozinho’-modificador argumental (externo)

(27b) Eu fiz Maria comer o pão sozinho. – ‘sozinho’-modificador argumental (interno)

(28) Eu fiz Maria se sentir sozinha. – ‘sozinho’-emocional

(29) Eu fiz Maria ser sozinha. – ‘sozinho’-comportamental

(30) Eu deixei a meia sozinha na cômoda. – ‘sozinho’-mereológico

(31) Eu fiz a garrafa parar em pé sozinha. – ‘sozinho’-autônomo<sup>17</sup>

Todos os eventos descritos por essas sentenças são eventos que podem ser explicados a partir de uma dada causa, que é expressa pelos itens ‘Eu fiz’ e ‘Eu deixei’. Como o ‘sozinho’-(anti-)causal é, por definição, uma interpretação que não permite uma causa

---

<sup>17</sup> Um parecerista anônimo, a quem agradecemos pela observação, sugere comparar (i) “A boneca ficou em pé sozinha” com (ii) “o Neymar ficou em pé sozinho” para avaliar se interpretação do ‘sozinho’-autônomo é de fato relaciona à estrutura e escopo ou a conhecimento de mundo. De fato, sugerimos que as sentenças (i) e (ii) podem ter a mesma interpretação para o ‘sozinho’ (para o caso de (ii), pode haver também uma interpretação espacial que não é relevante aqui), ou seja, em ambos os casos, o argumento faz algo sem auxílio, e é justamente esse o nosso. A interpretação que nos interessa para (ii), que é plenamente acessível, é que ninguém ajudou Neymar e ficar em pé, e o mesmo vale para (i). Obviamente, há questões sobre conhecimento de mundo aqui com relação às expectativas tanto da boneca quanto de Neymar ficar em pé sem auxílio, mas o que é importante é que tal interpretação, mesmo sem levar em conta essas expectativas, está presente.

aparente ou identificável para um evento, não é possível combinar o item ‘sozinho’ com estruturas causativas na mesma sentença<sup>18</sup>.

A Tabela 1, a seguir, mostra uma visão geral sobre as interpretações de ‘sozinho’ identificadas até então e de suas características, como possuir um comportamento gradual e poder se vincular com estruturas causativas e adjuntos locativos.

***‘sozinho’: sobre as interpretações identificadas***

	<b>espacialidade</b>	<b>gradualidade</b>	<b>causatividade</b>
<b>espacial</b>	1	1	1
<b>(anti-)causal</b>	1	0	0
<b>argumental</b>	1	0	1
<b>emocional</b>	1	1	1
<b>comportamental</b>	0	1	1
<b>mereológica</b>	1	0	1
<b>autônoma</b>	1	0	1

Tabela 1. as sete interpretações de ‘sozinho’ e suas características.

Identificamos, até então, ao menos 7 interpretações diferentes associadas ao item ‘sozinho’, que são: espacial, argumental, (anti-)causal, emocional, comportamental, mereológica e autônoma. Também percebemos que as interpretações de ‘sozinho’ possuem diferentes comportamentos linguísticos, como permitir adjuntos locativos e estruturas causativas vinculados ao ‘sozinho’ e ser avaliado em termos de graus de uma escala.

Propomos, a partir dos comportamentos ilustrados na Tabela 1, que as interpretações espacial, emocional e comportamental de ‘sozinho’, compõem um único grupo, visto que são semelhantes entre si: além de possuírem comportamentos linguísticos em comum e permitirem construções comparativas, as três interpretações possuem, estruturalmente falando, o escopo do ‘sozinho’ caindo sobre o indivíduo num dado espaço e com um certo comportamento. Por isso, decidimos agrupar as interpretações espacial, emocional e comportamental de ‘sozinho’ em uma única categoria, que chamaremos de “psico-espacial”. Além disso, para as interpretações espacial e emocional, ilustradas nas sentenças a seguir, encontramos outra semelhança de ordem pragmática:

<sup>18</sup> De fato, ‘sozinho’ em outras interpretações permite a combinação com estruturas causais: “João caiu em casa sozinho porque tropeço no tapete”. Nossa proposta é que o ‘sozinho’-(anti-)causal não permite quaisquer relações de causa – seja papel é justamente implicar que não há causa identificável para o evento reportado. Assim, “João caiu” nada diz sobre ser possível ou não identificar a causa da queda, mas “João caiu sozinho” exclui a possibilidade dessa identificação, e por isso é incompatível com estruturas que envolvem causa. Agradecemos a um parecerista anônimo por nos chamar a atenção para este ponto.

(32a) Maria tá sozinha na Polônia.

(32b) Maria tá muito sozinha na Polônia.

(33a) Maria tá se sentindo sozinha na Polônia.

(33b) Maria tá se sentindo muito sozinha na Polônia.

As sentenças (32a) e (33a) ativam, respectivamente, as interpretações espacial e emocional de ‘sozinho’. Em (32a), a partir de uma delimitação pragmática, considera-se um *indivíduo relevante* para ocupar o mesmo espaço que Maria, denotado por ‘Polônia’. Em (33a), a forma ‘sentir-se sozinho’ expressa que Maria está emocionalmente abalada por estar sozinha, também no espaço denotado por ‘Polônia’, havendo ou não indivíduos relevantes para ela presentes nesse espaço. Ao inserirmos o intensificador ‘muito’ nas sentenças, temos que em (32b) é medido em graus de uma escala a quantidade de *indivíduos relevantes* (como amigos ou familiares que sirvam de companhia) para Maria estar sozinha na Polônia e em (33b) é medido o quanto Maria está se sentindo emocionalmente sozinha na Polônia. O ‘sozinho’-espacial e o ‘sozinho’-emocional apresentam interpretações semelhantes, que diferem entre um nível físico, para a interpretação espacial, e um nível psicológico, para a interpretação emocional. Suspeitamos, então, que o mecanismo pragmático do ‘sozinho’-espacial não somente delimita *indivíduos relevantes*, mas também especifica se esses indivíduos são emocionalmente importantes ou não – no caso das sentenças acima, delimita se são indivíduos que possuem ou não um vínculo emocional para Maria estar/se sentir sozinha. A interpretação base é de nível físico, como ilustrado nas sentenças (32a,b), expressando que Maria está sozinha num espaço físico num dado tempo. Em (33a,b) a expressão ‘sentir-se’ parece acionar um mecanismo, que a partir de uma extensão do espaço físico para um espaço psicológico, expressa que Maria está emocionalmente sozinha, isto é, que Maria está sem a companhia de *indivíduos emocionalmente relevantes*. Nota-se que, podemos imaginar uma situação em que Maria está se sentindo sozinha na Polônia mesmo na companhia de amigos próximos, que são importantes para Maria. No entanto, com *indivíduos emocionalmente relevantes*, estamos nos referindo a uma noção subjetiva para Maria que, no espaço delimitado na sentença, considera quais são os indivíduos necessários para ela não se sentir sozinha<sup>19</sup>.

Desse modo, a categoria psico-espacial de ‘sozinho’ trata-se de uma interpretação que, junto de uma delimitação pragmática, expressa se um indivíduo está sem companhia de *indivíduos relevantes* num nível físico ou psicológico. Ainda há muito para investigar sobre as questões pragmáticas envolvendo o item ‘sozinho’; no entanto, agrupar as interpretações espacial, emocional e comportamental de ‘sozinho’ na categoria psico-espacial permite que descubramos mais sobre a relação entre as diferentes interpretações, buscando uma explicação unificada sobre os mecanismos semântico-pragmáticos do item ‘sozinho’.

Ainda sobre a interpretação espacial, reparamos que ela não difere muito da interpretação mereológica de ‘sozinho’, isso porque em ambas as interpretações o ‘sozinho’ exclui a companhia de *indivíduos relevantes* ou outras entidades em um espaço num dado tempo. A diferença está que, para a interpretação mereológica, os *indivíduos relevantes* delimitados pragmaticamente são entidades que necessariamente compõem

---

<sup>19</sup> O fato dos amigos próximos da Maria, para essa situação, não estarem na delimitação de *indivíduos emocionalmente relevantes* não significa que Maria não se importa com a amizade deles, mas sim que a presença deles não é a companhia necessária para que Maria não se sinta sozinha.

um par<sup>20</sup>. Desse modo, a partir do *common ground* dos participantes da conversação, é possível delimitar se a entidade vinculada a ‘sozinho’ compõe um par ou não. Suspeitamos, também, que é justamente pela delimitação mereológica dos *indivíduos relevantes* que o ‘sozinho’-mereológico não permite gradualidade, isto é, não se pode medir em uma escala a quantidade de *indivíduos relevantes* sendo que já é pragmaticamente definido que eles compõem um par com as entidades que são escopo de ‘sozinho’.

(34) Ana tá sozinha na sala hoje. (Era esperado que João estivesse junto de Ana)

(35) João tá sozinho na universidade hoje.

Em (34), temos uma interpretação mereológica de ‘sozinho’, em que a informação ‘Era esperado que João estivesse junto de Ana’ faz parte do *common ground* dos participantes da conversação. Para isso, basta retomar o cenário já apresentado na sessão anterior, em que Ana é monitora-assistente de João e, então, os dois compõem um par de professor e monitora, sempre aparecendo juntos na sala de aula. O que acontece é que o item ‘sozinho’, ao vincular-se com ‘Ana’, expressa que Ana está sem companhia no espaço delimitado por ‘sala’. No entanto, a sentença (34) pode ser proferida por um aluno em uma situação em que a sala está cheia de outros alunos, nesse caso, é delimitado pragmaticamente quais são os *indivíduos relevantes* para a companhia de Ana. Como o par Ana e João faz parte do *common ground* dos alunos, é delimitado que Ana está sozinha, no espaço denotado por ‘sala’, por não estar na companhia de João. Por sua vez, ao olharmos para a sentença (35), temos a interpretação espacial de ‘sozinho’, em que João está sem a companhia de outros *indivíduos relevantes* no espaço denotado por ‘universidade’. Note que as interpretações de (34) e (35) são bastante semelhantes entre si e em ambas o escopo de ‘sozinho’ é o indivíduo da sentença. A diferença, no entanto, é que para a interpretação mereológica o indivíduo não é atômico, mas sim um par mereológico. Por essa diferença no escopo de indivíduo, consideramos a interpretação mereológica como um caso particular de interpretação espacial do ‘sozinho’.

Consideremos também um ‘sozinho’-eventivo, que inclui as interpretações (anti-)causal e autônoma do item ‘sozinho’. O ‘sozinho’-(anti-)causal ativa a interpretação de que não há causa aparente ou identificável que explique o evento descrito na sentença, enquanto o ‘sozinho’-autônomo ativa a interpretação de que a entidade predicada por ‘sozinho’ possui as propriedades necessárias (como capacidade ou habilidade) para realizar um evento, excluindo outros eventos (prévios) responsáveis por auxiliar a entidade na realização do evento descrito pela sentença. Por essa característica comum em envolver eventos, seja ao excluir causas para um evento ou demonstrar capacidade de um indivíduo para realizar um evento sem eventos auxiliares, é possível agrupar o ‘sozinho’-(anti-)causal com o ‘sozinho’-autônomo na categoria ‘sozinho’-eventivo. Trata-se, portanto, de um ‘sozinho’ com o escopo sendo o evento da sentença em que aparece.

Por fim, há ainda o ‘sozinho’-modificador argumental, que se associa às interpretações dos argumentos interno e externo de um dado predicado. Nesse caso, diferentemente das outras interpretações de ‘sozinho’, essa interpretação tem a ver com o

---

<sup>20</sup> Como notamos, pode ser o caso de ser um grupo e não apenas um par.

indivíduo (argumento) que desempenha o papel temático<sup>21</sup> alvo de ‘sozinho’, excluindo a possibilidade de participantes extras.

A Tabela 2 a seguir reúne resumidamente tudo que propomos até então:

<b>indivíduo como escopo</b>	‘sozinho’-psico-espacial (indivíduo atômico)	‘sozinho’-mereológico (indivíduo mereológico)
<b>argumento como escopo</b>	‘sozinho’-modificador argumental (argumento interno)	‘sozinho’-modificador argumental (argumento externo)
<b>evento como escopo</b>	‘sozinho’-eventivo	

Tabela 2. as categorias de ‘sozinho’ a partir de seus escopos

A intuição por trás dessas categorias é que o item ‘sozinho’ parece excluir, em algum nível, diferentes tipos de companhia/acompanhamento. Para dar conta dessa intuição e das interpretações de ‘sozinho’, vamos ver, na seção seguinte, algumas análises encontradas na literatura que mencionamos brevemente na Introdução. Como mencionado, essas análises não consideram todas as interpretações que encontramos aqui, e assim não dão conta adequadamente do funcionamento de ‘sozinho’ no PB. Depois de apresentar e criticar essas análises, apresentaremos uma nova proposta.

### 3. ANÁLISES PRÉVIAS

Moltmann (2004), apesar de possuir como foco a análise do item ‘*together*’ do inglês, fornece uma breve análise para ‘*alone*’. A autora descreve o item ‘*alone*’ em paralelo com sua descrição do ‘*together*’, que seria uma função de medidas em termos quantitativos. O interesse de Moltmann (2004) está em exemplos como (adaptado das páginas 314-315), com as interpretações sugeridas pela autora<sup>22</sup>:

(36) John solved the problem alone.

John resolveu o problema sozinho. – modificador evento

(37) John sat alone.

John sentou sozinho – modificador espaço-temporal

(38) John alone published 10 articles.

John sozinho publicou 10 artigos. – mensuração

<sup>21</sup> Para uma revisão recente sobre papéis temáticos, um tema com uma vasta e diversificada literatura, cf. Cançado; Amaral, 2016.

<sup>22</sup> As sentenças (36) e (37) equivalente, respectivamente, às interpretações que chamamos de “modificador argumental” e “espacial”; por sua vez, as interpretações sugeridas para (38) e (39) não podem ser expressas com ‘sozinho’ em português, mas sim com ‘só’ ou ‘apenas’ – o que indica uma diferença importante entre ‘sozinho’ e ‘*alone*’.



(39) Vinegar alone tastes terrible.

Vinagre sozinho tem gosto horrível. – constitucional

Para lidar com essas interpretações de ‘alone’, Moltmann (2004) propõe que esse item mantém uma relação quantificacional com uma entidade  $d$ , segundo uma função de medida  $f$  e de acordo com uma propriedade dos números reais  $S$ , tal que  $f$  mapeia  $d$  para um número  $S$  e não pode haver uma outra entidade  $d'$  tal que possua um valor maior que  $d$ . A autora ainda adapta essa formalização para as interpretações de ‘alone’ presentes em construções adnominais, trocando a função de medidas  $f$  por uma função identidade  $id$  – a intuição, contudo, é mesma: um único indivíduo  $d$  apresenta um valor numa escala  $S$ , segundo a função  $f$ , e nenhum indivíduo diferente (ou maior) pode apresentar esse mesmo valor:

(40)  $[[alone]]^{w,t}(d) = \{P \mid \langle d, id, P \rangle \text{ ALONE}^{w,t}\}$

Para qualquer mundo  $w$ , tempo  $t$  e entidade  $d$

No entanto, a própria autora reconhece que essa abordagem quantificacional feita em paralelo com ‘together’ não dá conta de outras interpretações de ‘alone’, que são distintas daquelas de ‘together’, como é o caso da interpretação que chamamos neste artigo de ‘sozinho’-modificador argumental, além de ela lançar de uma fórmula para o ‘alone’ adverbial e uma para o adnominal.

Sobre a interpretação espacial, Cisneros *et al.* (2013)<sup>23</sup> propõem que o item ‘alone’ exclui a companhia de indivíduos socialmente relevantes num dado espaço e tempo, e codificam a informação sobre indivíduos relevantes em sua fórmula, medindo em graus de uma escala matemática definida o quão relevante um indivíduo é em termos de um cálculo de sua relevância.

A nosso ver, contudo, a delimitação de indivíduos socialmente relevantes deve ser relegada a mecanismos pragmáticos associados às interpretações chamadas de “psico-espacial” de ‘sozinho’, pois delimitar indivíduos relevantes num espaço relevante para um dado indivíduo leva em conta uma enorme variedade de fatores contextuais, que podem ser negociados em cada situação.

Além da fórmula de Cisneros *et al.* (2013) para ‘alone’ ser, a nosso ver, excessivamente complexa ao lidar com a relevância de indivíduos para a interpretação espacial, ela não captura, assim como a proposta de Moltmann (2004), as interpretações (anti-)causal e autônoma de ‘sozinho’ que identificamos em PB e envolvem a exclusão de causas para eventos. A interpretação argumental de ‘sozinho’ também é tratada somente parcial e superficialmente, não havendo qualquer menção, por exemplo, a essa interpretação quando o escopo é sobre o objeto.

No contexto da língua sqliq atayal<sup>24</sup>, Tsai (2017) investiga o item ‘nanak’ em uma análise comparativa com o advérbio ‘ziji’ do chinês mandarim<sup>25</sup>, observando que ‘nanak’ resulta em duas interpretações diferentes a partir da sua distribuição sintática. Tsai (2017) exemplifica que a construção adverbial com ‘nanak’ resulta numa

<sup>23</sup> Cisneros *et al.* (2013) também propõem uma fórmula do ‘alone’ em inglês para uma interpretação quantificacional:  $[[al-]] = \lambda P(et) \lambda Q(et) \lambda x : P(x) \wedge Q(x) . \neg \exists y : \neg [y \subseteq x] \wedge P(y) \wedge Q(y)$

A ideia é que o item ‘alone’, na verdade, é uma expressão complexa, composta por uma função *al-* e um argumento *-one*, realizada fonologicamente como /alone/, e cujo escopo é uma entidade contida num dado conjunto. Um exemplo seria algo como: “I was alone among the savages in getting a Ph.D” (Eu era o único entre os selvagens em conseguir um Ph.D). Porém, tal interpretação de ‘sozinho’ não é encontrada no PB.

<sup>24</sup> Língua austronésia, falada pelo povo Atayal, em Taiwan, por cerca de 85 mil pessoas.

<sup>25</sup> Sobre ‘ziji’ e temas correlatos, cf. Hole, 2008; Spathas, 2019; Tsai, 2019.

interpretação de exclusividade, enquanto a construção adnominal resulta numa interpretação de reflexividade. O autor mostra que a interpretação do ‘*nanak*’ adnominal se aproxima das interpretações relacionadas a ‘*-self*’ no inglês, expressando, portanto, reflexividade por parte do indivíduo predicado por ‘*nanak*’, como na sentença (41) a seguir:

- (41) yaqih na-Temu qu-hiya-nanak  
 NAV.hate Obl-Temu Nom-3S-self  
 ‘Temu odeia a si mesmo’

O autor ainda divide as interpretações ligadas a ‘*nanak*’ a partir do nível que esse item ocupa na hierarquia sintática. Considere primeiramente o exemplo (42):

- (42) s<m>oya [m-aniq siam qu-Tali]. (Tsai, 2017)  
 AV-like AV-eat pork Nom-Tali  
 ‘Tali gosta de comer porco’

Caso o item ‘*nanak*’ apareça imediatamente após o verbo ‘*smoya*’, temos uma interpretação chamada pelo autor de “volitiva”, que tem a ver com o comportamento sintático que Tsai (2017) denomina “*Outer Self*”. Por outro lado, se o item ‘*nanak*’ vincular-se ao complemento ‘*siam*’, aparecendo antes ou depois do complemento, a interpretação resultante é de exclusão de qualquer tipo de companhia, o que Tsai chama de “*Inner Self*”:

**Construção *Outer Self***

- (43) s<m>oya nanak [m-aniq siam qu-Tali]. (Tsai, 2017)  
 AV-like self AV-eat pork Nom-Tali  
 ‘Tali come porco por vontade própria (i.e., sem a coerção dos outros)’

**Construção *Inner Self***

- (44) a. s<m>oya [m-aniq nanak siam qu-Tali]. (Tsai, 2017)  
 AV-like AV-eat self pork Nom-Tali  
 ‘Tali gosta de comer porco sozinho (i.e., sem a companhia de outros)’  
 b. s<m>oya [m-aniq siam nanak qu-Tali]. (Tsai, 2017)  
 AV-like AV-eat pork self Nom-Tali  
 ‘Tali gosta de comer porco sozinho (i.e., sem dividir com os outros)’

O que acontece é que, para a construção *Outer Self* em (43), o item ‘*nanak*’ exclui uma causa externa para que Tali coma o porco, tratando-se de uma interpretação volitiva em que a motivação para que o evento de comer o porco seja realizado é própria de Tali. Já para as construções *Inner Self* em (44a,b), o item ‘*nanak*’ se vincula ao complemento ‘*siam*’ resultando nas interpretações de exclusão de qualquer tipo de companhia e de indivíduos que ocupem o papel de agente no evento de comer o porco.

A partir da análise realizada em seu trabalho, Tsai (2017) propõe a seguinte formulação para dar conta das interpretações ativadas pelo item ‘*nanak*’:

- (45) [[nanak]] = F(x) & ~(∃y) (y≠x & F(y))

Dependendo da posição sintática do item, F está para diferentes relações temáticas: quando ‘*nanak*’ é vinculado ao argumento externo do predicado, a interpretação ativada

é a de exclusividade; porém, quando o item ‘*nanak*’ se vincula a algum argumento periférico, ele resulta na dicotomia *Outer Self* e *Inner Self*, ativando, respectivamente, uma interpretação de reflexividade e uma interpretação anti-comitativa ou anti-causal. A fórmula para ‘*nanak*’ em (45) expressa que o papel desse item é vetar a ocorrência de outro referente para além de *x* na extensão do predicado *F*.

A análise realizada por Tsai (2017) mostra que o item ‘*ziji*’ do chinês mandarim apresenta um comportamento semelhante ao ‘*nanak*’ e reparamos que seu trabalho também captura uma intuição semelhante ao que chamamos aqui de ‘sozinho’-modificador argumental, considerando o vínculo do item ‘sozinho’ com o argumento externo ou interno do predicado de uma sentença. Apesar do trabalho de Tsai (2017) não lidar com todas as interpretações que encontramos para o item ‘sozinho’, é interessante notar que, a partir de sua proposta, julgamos encontrar uma intuição próxima à qual atribuímos às interpretações de ‘sozinho’ que apresentamos acima. Se considerarmos, por exemplo, que a formulação acima para ‘*nanak*’ não se aplica somente a indivíduos (*F(x)*), mas também a eventos e seus participantes, podemos capturar as interpretações relevantes para as sentenças abaixo:

(1) Marcus está sozinho em casa. - indivíduo no espaço

(3b) Maria comeu o pão sozinho. - indivíduo como argumento do verbo

(4) O videogame ligou sozinho. - evento

Em (1), o indivíduo Marcus é predicado por ‘sozinho’, e o resultado é a interpretação de que não há nenhum outro indivíduo ocupando o mesmo espaço que Marcus; em (3), o ‘sozinho’ recai sobre o argumento interno do verbo da sentença, e a interpretação é a de que nenhum outro alimento além de ‘pão’ é tema de ‘comeu’; e em (4), o ‘sozinho’ atua sobre o evento descrito na sentença, excluindo qualquer outro evento que apresente uma causa para o evento do videogame ter ligado. Assim, podemos dar conta da interpretação das sentenças com o mesmo esquema geral que exclui diferentes participantes, seja no espaço, seja como argumento do verbo, seja como um evento.

Basso & Palmieri (2021), em uma análise de ‘sozinho’ no português brasileiro e ‘da solo’ no italiano, propõem que esses itens são modificadores de anti-companhia, que atuam no domínio de indivíduos para uma localização espacial, em causas para eventos e sobre o papel temático. Os autores, então, apresentam as seguintes fórmulas para as interpretações espacial, argumental e (anti-)causal de ‘sozinho’:

(46) [[espacial]] =  $\lambda l. \lambda x. \lambda t. (\text{loct}(x) \subset l \wedge \neg \exists y (R(y) \wedge \text{loct}(y) \subset l \wedge y \neq x))$ <sup>26</sup>

(47) [[argumental - agente]] =  $\lambda e. \lambda P. \lambda x. (P(e) \wedge \text{Agent}(e, x) \wedge \neg \exists y (\text{Agent}(e, y) \wedge y \neq x))$

(48) [[argumental - tema]] =  $\lambda e. \lambda P. \lambda x. (P(e) \wedge \text{Theme}(e, x) \wedge \neg \exists y (\text{Theme}(e, y) \wedge y \neq x))$

(49) [[(anti-)causal]] =  $\lambda e. \lambda P. (P(e) \wedge \neg \exists e' (\text{Cause}(e', e))$   
If *e'* causes *e*, then *e' ≠ e*

<sup>26</sup> Nesta fórmula “R” indica relevância, e deve ser lido como “indivíduo relevante para *x*”, e a expressão “loct” indica localização num tempo *t*. Por fim, “l” indica um lugar.

A fórmula em (46) expressa que, considerando um lugar  $l$ , um indivíduo  $x$  e um tempo,  $x$  está localizando em  $l$  em  $t$  ( $(\text{loct}(x) \subset l)$ ) e não há nenhum outro indivíduo relevante  $y$  que está em  $l$  em  $t$  e é diferente de  $x$  ( $\neg \exists y (R(y) \wedge \text{loct}(y) \subset l \wedge y \neq x)$ ). A fórmula em (47) expressa que se o evento  $e$  veiculado pelo predicado  $P$  possui um agente  $x$  ( $P(e) \wedge \text{Agent}(e, x)$ ), não há outro indivíduo que é agente desse evento ( $\neg \exists y (\text{Agent}(e, y) \wedge y \neq x)$ ); o mesmo vale para (48) considerando agora o temas e não agentes. Por fim, a fórmula em (49) veicula que o papel do ‘sozinho’-(anti-)causal é expressar que um evento e veiculado pelo predicado  $P$  ( $P(e)$ ) não possui causa ( $\neg \exists e' (\text{Cause}(e', e))$ ), considerando que se evento é causa de outro, eles são necessariamente eventos diferentes (If  $e'$  causes  $e$ , then  $e' \neq e$ ). Em comum em todas essas fórmulas há a negação de outra entidade relacionada a entidade que está sob o escopo de ‘sozinho’, representada por “ $\neg$ ” mais uma cláusula que especifica uma propriedade dessa entidade, seja uma relação locativa, argumental ou causal – este é o cerne da ideia de anti-acompanhamento de ‘sozinho’.

A ideia é que em todas essas formulações o item ‘sozinho’ exclui algum tipo de companhia ou acompanhamento, como um indivíduo para ocupar um espaço num dado tempo, uma entidade que ocupe a posição de agente ou tema de um predicado e um evento que sirva como causa para outro evento. Tanto Tsai (2017) quanto Basso & Palmieri (2021) propõem que ‘nanak’ e os itens ‘sozinho’ e ‘da solo’ possuem uma relação com a expressão de (anti-)comitatividade. A comitatividade é uma expressão semântica que encobre três principais interpretações, que são a de companhia, instrumento e modo; no PB, o item ‘com’ pode ter esses três tipos de interpretações, como as sentenças a seguir<sup>27</sup>:

(50) Ana jogou com João.

(51) Cortei a maçã com a faca.

(52) Ana gritou com raiva.

Em (50), o item comitativo ‘com’ resulta na interpretação de companhia, expressando que Ana jogou na companhia de João. Em (51), a interpretação ativada é a de que a faca foi o instrumento utilizado para cortar a maçã. Por fim, em (52), o item ‘com’ possui valor de maneira ou modo, expressando que Ana gritou de modo raivoso. Note que, para o item comitativo ‘com’, é expressa uma ideia ou noção de companhia em diferentes graus de extensão metafórica, seja a companhia de indivíduos, instrumentos ou por uma disposição, como apresentado de (50) a (52), respectivamente.

Basso & Palmieri (2021) propõem que o ‘sozinho’ e o ‘da solo’ são modificadores de (anti-)companhia, sendo um tipo específico de (anti-)comitativo, já que não foram identificadas interpretações de instrumentalidade e modo ativadas por esses itens. Ao relacionar, então, o item ‘sozinho’ com a (anti-)comitatividade, consideramos que ‘sozinho’ expressa, em diferentes níveis de interpretação, a expressão gramatical de não possuir companhia, seja através da exclusão de indivíduos relevantes num dado espaço, de argumentos de um predicado ou de causas para um evento. Essa é a ideia mais geral que, conforme propomos, dá conta das interpretações comumente associadas a ‘sozinho’, e também a todas as outras que identificamos aqui.

Se tomarmos as fórmulas sugeridas por Basso & Palmieri (2021), notadamente a fórmula do [[sozinho-espacial]], como base, podemos, em princípio, dar conta das outras interpretações (mereológica, comportamental, emocional e autônoma). Para o caso da

<sup>27</sup> Há inúmeros trabalhos importantes sobre comitatividade que lidam com os mesmos temas que apresentamos aqui, como, por exemplo, Zhang, 2007; Khalaf, 2018; Stolz *et al.*, 2006.

interpretação mereológica, o que precisamos é que, basicamente, o indivíduo sob o escopo de ‘sozinho’ seja plural  $*x$ , como abaixo, em que se diz que uma parte  $y$  do indivíduo plural  $*x$  está numa localização  $l$  num tempo ( $\exists y \sqsubset *x \wedge \text{loct}(y) \subset l$ ), e não há outra parte  $z$  de  $*x$  que está na mesma localização ( $\neg \exists z (z \sqsubset *x \wedge \text{loct}(z) \subset l \wedge z \neq y)$ ):

O sozinho-autônomo pode ser capturado através da ideia de que não é necessário que um evento  $e'$  exista para que o evento  $e$  ocorra, ou seja, o caso; isso é diferente de  $e'$  causar  $e$ , pois como vimos, o sozinho-autônomo pode participar de estruturas causativas (“Eu fiz a boneca para em pé sozinha”). Para essa interpretação, o que se tem é que não é necessário a existência de nenhum outro  $e'$  para que  $e$  ocorra. Por fim, as interpretações comportamentais e emocionais têm a ver com uma definição mais precisa de  $R$  (ou seja, da relação de indivíduo relevante) e de sua continuidade temporal, e são, a nosso ver, elaborações do sozinho-espacial.

## CONCLUSÃO

Depois dessa caracterização sobre as interpretações de ‘sozinho’ e suas categorias, podemos concluir que:

- i) o item ‘sozinho’ ativa diferentes interpretações a depender do contexto linguístico em que está inserido, o que foi observado através de seu comportamento com adjuntos locativos, intensificadores e estruturas causativas e comparativas;
- ii) a partir de suas características semântico-estruturais e do seu escopo, dividimos as interpretações de ‘sozinho’ em três categorias diferentes: psico-espacial, eventivo e argumental;
- iii) seguindo Tsai (2017), entendemos ‘sozinho’ como um item que exclui companhia em diferentes níveis de interpretação, possuindo como escopo indivíduos, papéis temáticos e eventos.

Com isso, seguimos na ideia de que o ‘sozinho’ é um item (anti-)comitativo. Porém, para isso, é necessário encontrarmos uma forma unificada para o item ‘sozinho’ que, a partir do contexto linguístico, derive todas as interpretações identificadas ao longo deste artigo. Encarar o item ‘sozinho’ como um modificador (anti-)comitativo que possui diferentes escopos é o caminho que propomos para essa unificação, mas ainda precisamos descrever mais a fundo as interpretações ativadas por ‘sozinho’ pela diferença de escopo e observar seu comportamento linguístico. Existem também outros problemas em aberto, como a forma plural de ‘sozinho’, cujo escopo, para a interpretação espacial por exemplo, pode cair sobre dois ou mais indivíduos:

(54) Ana, João e Maria estão sozinhos na Itália.

A intuição por trás da sentença (54) é a de que Ana, João e Maria ocupam o mesmo espaço, denotado por ‘Itália’, sendo que os três não possuem a companhia de algum indivíduo relevante. Ainda assim, é necessário analisar melhor seu comportamento, olhando para questões como Ana, João e Maria comporem um grupo que é modificado por ‘sozinho’ ou se cada um deles, individualmente, é modificado por ‘sozinho’. Além disso, para entender a relação entre ‘sozinho’ e a (anti-)comitatividade, é pertinente observar as diferenças e semelhanças entre o item ‘sozinho’ com outros itens do PB, como ‘só’ e ‘sem’, que deixaremos para trabalhos futuros.

## REFERÊNCIAS

- ALEXIADOU, A.; ANAGNOSTOPOULOU, E.; SCHÄFER, F. 2006. The properties of anticausatives crosslinguistically. In: *Phases of interpretation*, ed. by Mara Frascarelli, 175–199. Berlin: Mouton de Gruyter.
- BASSO, Renato; PALMIERI, Giada. ‘Alone’ semantics, but not semantics alone: on da solo/sozinho in Italian and Portuguese. II Encuentro de Lingüística Formal en México, Universidad Autónoma De Puebla, 2021.
- BEAVER, David; CLARK, Brady. **Sense and Sensitivity: How Focus Determines Meaning**. Wiley-Blackwell. 2008.
- BONOMI, A.; CASALEGNO, P. Only: association with focus in event semantics. **Natural Language Semantics**, [S.L.], v. 2, n. 1, p. 1-45, fev. 1993. Springer Science and Business Media LLC.
- CANÇADO, M.; AMARAL, L. 2016. *Introdução à semântica lexical: papéis temáticos, aspecto lexical e decomposição de predicados*. Petrópolis: Editora Vozes.
- CARLSON, Greg.; SUSSMAN, Rachel. Seemingly indefinite definites. In: KEPSAR, M. R. S. (Ed.). *Linguistic Evidence*, Berlin: de Gruyter, 2005.
- CHAMPOLLION, Lucas; KRIFKA, Manfred. **Mereology**, The Cambridge Handbook of Formal Semantics, Cambridge, Cambridge University Press, 2016.
- CISNEROS, Carlos; GRINSELL, Tim; GROVE, Julian; SÆBØ, Kjell; VARDOMSKAYA, Tamara; ZHANG, Anqi. “**Collaborative Semantics**”: “Alone” an analysis, Universidade de Chicago, 2013.
- COPPOCK, Elizabeth; BEAVER, David. **Principles of the Exclusive Muddle**, Volume 31, Journal of Semantics, Oxford University Press, Agosto, 2014.
- HOLE, Daniel. **Focus on identity: the dark side of ziji**, The Linguistic Review, 2008.
- HORN, L. A presuppositional analysis of only and even. In: BINNICK, R. I. *et al* (ed.). **Papers from the Fifth Regional Meeting of the Chicago Linguistic Society**. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1969. p. 98-107.
- KHALAF, Eman Ai. **Remarks on the syntax and semantics of so-called comitative coordination**. Linguistic Research, 2018.
- KRIFKA, M. Focus and Presupposition in Dynamic Interpretation. **Journal Of Semantics**, [S.L.], v. 10, n. 4, p. 269-300, 1993. Oxford University Press (OUP).
- LUNDQUIST, B. et al. (2016) “Anticausatives are semantically reflexive in Norwegian, but not in English”, *Glossa: a journal of general linguistics* 1(1): 47. doi: <https://doi.org/10.5334/gjgl.158>
- MOLTMANN, Friederike. **The Semantics of Together**. Natural Language Semantics, vol. 12, no. 4, pg. 289-318, 2004.
- RECANATI, F. (2010), *Truth-Conditional Pragmatics*; Oxford, Clarendon Press.
- RETT, Ja. 2008. *Degree modification in natural language*. New Brunswick, New Jersey: Rutgers University dissertation.
- ROBERTS, C. Focus, the Flow of Information, and Universal Grammar. In: CULICOVER, Peter; MCNALLY, Louise (ed.). **The Limits of Syntax**. New York: Academic Press, 1998. p. 109-160. (Syntax and Semantics).
- ROBERTS, Craige. Only: a case study in projective meaning. **Baltic International Yearbook Of Cognition, Logic And Communication: Formal Semantics and Pragmatics: Discourse, Context, and Models**, [S.L.], v. 6, n. 1, p. 1-59, jan. 2010. New Prairie Press. <http://dx.doi.org/10.4148/biyclc.v6i0.1581>.
- KENNEDY, C.; MCNALLY, L.. 2005. Scale Structure and the Semantic Typology of Gradable Predicates. *Language* 81(2). 345-381.

- SCHÄFER, F. (2008). *The syntax of (anti-)causatives. External arguments in change of state contexts*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, DOI: <http://dx.doi.org/10.1075/la.126>
- SPATHAS, Giorgos. **Reflexivizers and intensifiers**: consequences for a theory of focus. *Proceedings of Sinn und Bedeutung*, [S. l.], vol. 17, p. 581–598, 2019.
- STOLZ, Thomas; STROH, Cornelia; URDZE, Aina. **On Comitatives and Related Categories**: A Typological Study with Special Focus on the Languages of Europe, 1st Edition, De Gruyter Mouton, Brémen, Universidade de Brémen, Janeiro, 2006.
- TSAI, Wei-Tien. **Casuality, Comitativity, Contrastivity, and Selfhood**: A View from Left Periphery and Middle Earth. *Interfaces in Grammar*, 2019.
- TSAI, WT.D. (2017). Self and Only: A Comparative Study of Reflexive Adverbials in Squliq Atayal and Mandarin Chinese. In: SENGUPTA, G., SIRCAR, S., RAMAN, M., BALUSU, R. (eds.). *Perspectives on the Architecture and Acquisition of Syntax*. Springer: Singapore. [https://doi.org/10.1007/978-981-10-4295-9\\_7](https://doi.org/10.1007/978-981-10-4295-9_7)
- VARZI, Achille. “**Mereology**”, *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*, Spring Edition, 2019. Disponível em: <https://plato.stanford.edu/archives/spr2019/entries/mereology/>. Acesso em 20 de Outubro, 20
- ZHANG, Ning. **The syntax of English comitative constructions**. *Folia Linguística*, Berlim, 41/1-2, 135-169, Janeiro, 2007.

Recebido: 30/10/2023

Aceito: 23/4/2024

Publicado: 21/6/2024